



José Ornelas Carvalho SCJ
Bispo de Setúbal
PORTUGAL

QUINTA-FEIRA SANTA – 2017 Missa Crismal

Setúbal, 13-04-2016

Homilia

O solene tríduo pascal tem início, em cada Igreja Local, com esta celebração solene do bispo, com os presbíteros e diáconos, bem como com os religiosos e religiosas, e os representantes das diversas paróquias da Diocese. Esta nossa assembleia é a expressão concreta da família que Jesus quis que fosse a sua Igreja. Uma família nascida por ação do Espírito e espelhando a diversidade das famílias da terra.

Muitos dos aqui presentes, fizeram **a experiência da fundação da nossa diocese** e empenharam-se apaixonadamente na sua organização, implantação e desenvolvimento. Mas, como referi no início da celebração, temos entre nós, **os dois primeiros bispos desta família de Deus que é a Igreja de Setúbal**. Foi com o D. Manuel que a sucessão apostólica chegou, com caráter de Igreja Local, às margens do Sado e a esta linda península de Setúbal, tomando pé concretamente na igreja Catedral onde nos encontramos agora.

Isto que acabo de dizer **não é um cumprimento simpático** ao D. Manuel e ao seu sucessor, D. Gilberto. É um facto importante do nosso ser Igreja, da nossa história, da história de Deus com esta Igreja de Setúbal, com a gente que vive nesta península. Destes dois irmãos Bispos, e nossos pais na ordem da fé, recebemos uma nobre tradição de escuta e resposta ao chamamento de Deus, de serviço, de sensibilidade aos mais pobres, de zelo apostólico, de esforço e dom de si, que marcaram a nossa Igreja. Hoje, do seio deste presbitério e deste povo que ajudastes a formar, quero dizer-vos: Bem hajam! Que Deus seja sempre a vossa alegria e a vossa recompensa!

Mas peço-vos, irmãos e irmãs, que me permitais dirigir-me, nesta manhã e nesta Eucaristia Crismal, especialmente aos bispos e presbíteros da nossa Igreja, pois normalmente são eles que, ao longo do ano, vos dirigem a Palavra de Deus.

A jovem e dinâmica história da nossa diocese, que começou com muitos de vós, continua hoje, e felizmente com muitos dos seus protagonistas. Mas hoje, compete-nos a nós todos, mas, de um modo especial, ao bispo e aos presbíteros e diáconos, seus mais diretos colaboradores, **continuar a servir esta célula da família de Deus que é a nossa Igreja de Setúbal**, oferecendo-lhe os dons que o Espírito nos manda distribuir, para que ela cresça e seja sinal do amor de Deus para com todos os homens. E é precisamente à luz da imagem da família, que está no centro da nossa atenção pastoral, durante estes dois anos, que desejo apresentar alguns pontos de reflexão sobre o papel fraterno e paterno do bispo, dos presbíteros e de todos os que o Senhor chama para servirem o seu povo.

Durante a quaresma, tivemos ocasião de meditar sobre a **família como berço da vida** e da humanização, pelo amor que une os esposos e pelo carinho que dispensa a todos os seus

membros, particularmente aos mais débeis, aos que sentem mais dificuldades e aos que se enganam e erram, no percurso da vida.

Jesus atribuiu um papel fundamental à família **e foi em casas de família que realizou muitos dos atos mais significativos do seu ministério**, entre os quais, a instituição da Eucaristia e o mandato confiado aos discípulos de continuar a perpetuá-la em seu nome, que hoje celebramos. Ele queria claramente inculcar no coração e nas atitudes dos discípulos esse espírito de família, que devia caracterizar a sua Igreja. E isso depende muito da atitude daqueles a quem confiou responsabilidades na comunidade dos seus discípulos, concretamente aos bispos e aos presbíteros.

Por outro lado, Jesus **não tem receio de desafiar os discípulos a deixarem pai e mãe**, irmão, casa e bens, para seguirem os seus passos, na construção de uma nova família. Não pretende com isso que eles acabem com os afetos, mas que sejam livres para construírem uma outra família, como os filhos que deixam a casa paterna, para constituírem um novo lar. Mas este lar é diferente: é a família daqueles que escutam a sua Palavra e fazem a vontade do Pai.

Estas duas atitudes, aparentemente discrepantes do Senhor da Igreja – o apreço pela família e o seu alargamento e superação – são importantes para entender a nossa vocação. Jesus não deseja que renunciemos ao amor, ao afeto, ao carinho. **Se perdêssemos essa sensibilidade tipicamente familiar, não serviríamos para construir a Igreja, família de Deus**. Na verdade, o que Jesus pretende é que a Igreja seja expressão do Amor do Pai, onde encontram acolhimento, atenção, carinho e ajuda todos os seus filhos e filhas.

É ao serviço deste projeto que nos chamou, e por isso nos convida a **aprender a sua metodologia, as suas atitudes de pastor "manso e humilde de coração"**. É pelo coração, transformado à imagem do Coração de Jesus, que Ele nos convida a modelar o nosso modo de estar e de agir na sua Igreja. Por isso nos diz, na grande catequese desta noite, dirigida aos discípulos, que estejamos bem perto dele: **"permanecei em mim!"**. Esse é o ponto de partida da nossa vida, da nossa alegria, da nossa força e eficiência. Não há verdadeiro bispo, nem verdadeiro presbítero, sem esta ligação existencial ao Senhor. Podemos vestir-nos com todas as pompas oficiais, mas seria apenas teatro, se o nosso coração não aprender a modelar-se pelo Coração de Cristo.

Ao mesmo tempo, porém, Jesus convida-nos a não nos fecharmos num modelo de família e de afetividade narcisista, fechada, possessiva ou corporativista; a defender direitos ou prerrogativas de classe, que dividiriam a família que somos chamados a formar. Não é esse o modelo da sua família e das pessoas que Ele envia a servir. O nosso amor tem de ser modelado ao modo do Mestre: **"Amai-vos como eu vos amei"**. **É um amor que ama e deixa livre, que não pretende dominar, aproveitar, nem impor-se**, mas que oferece sempre, livremente e com alegria, aquilo que recebeu. Um amor de pai que ajuda os filhos a crescer, de mãe que acarinha, alenta e se alegra com os passos daqueles que leva pela mão. Amor de administrador providente e competente, atento às necessidades de cada um, mas também às suas qualidades, para que possam ter oportunidade de crescer e de servir também toda a família. Amor que tem de ser sempre de irmão, pois se não formos irmãos, nunca seremos autênticos pais e pastores ao estilo de Cristo.

Amar assim é **ser livre e libertador**; aquilo que Cristo quer que aprendamos com Ele. Isso significa igualmente uma visão crítica e responsável, para colocar, com autenticidade e coerência, ao serviço dos irmãos e irmãs, o tesouro que nos foi confiado, em comunhão com

toda a Igreja. Essa coerência e liberdade no Espírito é, por vezes, incômoda e faz vacilar o nosso próprio coração. Mas, sem ela, não estaremos disponíveis para escutar a voz de Deus e para realizar os seus projetos, particularmente neste mundo que evolui tão rápida e profundamente. Ser fiéis ao Mestre que nos chamou, implica sempre esse sentido honesto de busca, de interrogação, de caminho, tantas vezes incômodo, mas onde o Espírito nos conduz. Esse sentido de fragilidade e de aprendiz, é o que melhor se adequa à atitude de discípulo, que nunca podemos perder diante do Mestre. É a atitude que nos torna igualmente fraternos e solidários com todos aqueles e aquelas que buscam sentido para a vida, que buscam o rosto de Deus. É a partir desse constante buscar que teremos algo para dizer, aconselhar e ensinar.

A busca e a fidelidade ao chamamento que recebemos **nunca é um percurso isolado, mas um caminho de comunhão na Igreja**. Essa é a grande recomendação aos discípulos e a grande oração de Jesus ao Pai, na ceia que celebraremos hoje à noite: *"Que eles sejam um, ó Pai, como eu e tu somos um"*. O bispo e os presbíteros têm um papel fundamental na unidade e coesão da família de Deus, em cada Igreja local e universal. Um dos maiores pecados que podemos cometer é o de nos isolarmos, como se fossemos donos daquilo que Deus nos confiou, ou de dividirmos a família de Deus, dividindo-nos entre nós. Não se trata simplesmente de um acordo de cavalheiros sobre a forma de administrar e orientar as paróquias ou a diocese. Trata-se de manter viva e unida a Igreja, de dar testemunho da unidade que o Espírito cria naqueles que se deixam mover por ele, de manter a comunhão dos irmãos e irmãs, filhos/as do mesmo Pai do céu.

A unidade é fruto do Espírito que anima a Igreja e todos os que nela se empenham. Hoje estamos cá, o presbitério, o bispo atual, aqueles que antes exerceram este serviço aqui em Setúbal. Quem nos reuniu? O senhor Jesus, através do seu Espírito. Sentimos a alegria e o estímulo que nascem e hoje se renovam à volta desta mesa da Eucaristia, para que através de cada um de nós, essa seiva do amor de Deus e da mãe Igreja chegue a cada uma das nossas comunidades e a cada irmão e irmã. Essa é uma função essencial do nosso ministério e uma responsabilidade que temos juntos, bispos e presbíteros: Manter unida a família do Senhor. Ele acompanha-nos com a sua oração ao Pai para que sejamos um, como Ele e o Pai são um só com o Espírito Santo.

E, quando pensamos em tudo isto, sentimo-nos pequenos, fracos, imperfeitos, pecadores, por vezes, até mesmo cobardes e incoerentes, como Pedro e os primeiros apóstolos. Como Paulo, sabemos que **levamos em vasos de barro o tesouro que Deus nos confiou**. A experiência da própria fraqueza nunca deixará de nos acompanhar. Mas, ao mesmo tempo, conforta-nos a misericórdia de Deus, que vem ao nosso encontro, nos reconcilia e nos torna misericordiosos e reconciliadores. Confiados na bondade de Deus e instruídos pela experiência da nossa fraqueza, podemos tornar-nos reconciliadores e embaixadores da reconciliação que Deus quer oferecer aos irmãos pelas nossas mãos.

É a nós, na nossa boa vontade e na nossa fragilidade que, hoje, o nosso Mestre e Senhor dá um exemplo concreto do que significa o chamamento que nos dirigiu. Lavando os pés àquelas que escolheu para orientarem a sua comunidade e distribuírem os seus dons, **ele manda-nos lavar os pés uns aos outros**. O rito que faremos esta noite, há de ser um desafio constante na nossa vida e na nossa ação: *"como eu vos fiz, deveis fazer vós também"*. Fomos chamados para servir; a servir com eficiência e amor. Servir é o nome que tem o amor, quando as pessoas se encontram juntas. Lavar os pés é um gesto de disponibilidade, de consideração ou de carinho, de estima; de contrário, é uma obrigação de escravos, ou uma tarefa de mercenários. O serviço, na família deste Senhor, não é função de escravos nem de assalariados, mas sinal de

estima, de amor, de dignidade, de alegria. É a isso que Ele nos chama; e nós temos a alegria de responder, embora reconhecendo que estamos sempre a aprender a servir.

Este serviço não é simplesmente uma questão de fazer coisas, de realizar tarefas, de gerir projetos. É, nem mais nem menos, do que **oferecer a vida**, de pô-la disponível, nas mãos de Deus, para que seja transparência do seu amor, do seu carinho especial por aqueles que precisam. O oferecimento da vida não é uma atitude simplesmente para a hora de concluir o percurso nesta terra. É modo constante de estar na vida, oferecendo-se, em espírito de família, para cuidar de filhos e filhas que não são nossos, mas que nos chamarão padres/pais; para amparar anciãos/ãs que não são nossos pais/mães, mas que nos chamarão filhos; para abrir as portas da nossa casa e das nossas igrejas e ir ao encontro daqueles que não têm onde abrigar-se. Sem sermos pais, seremos paternalmente providentes para repartir o pão do alimento pelos que têm fome, da cultura, do carinho, da esperança, da Palavra de vida, por aqueles que necessitam. E, quando partirmos o pão de Deus nas nossas comunidades, seremos os primeiros a identificar-nos com a atitude do Senhor, que põe nos nossos lábios as palavras que melhor exprimem a nossa vocação: *"Este é o meu corpo, entregue por vós; este é o meu sangue de aliança, derramado por vós e por todos"*.

Consumir-se assim ao serviço da família de Deus nesta terra **não é uma vida perdida ou queimada no nada**. Nós sabemos que, na medida em que a vivemos alimentados pelo amor do Senhor, o nosso serviço se desdobra em alegria, em fraternidade, em vida. E quando a vida que aqui levamos chegar ao seu termo, seja qual for a periferia geográfica ou existencial onde nos encontremos, sabemos que o nosso Senhor *"mandará os seus anjos para reunir os seus eleitos, dos quatro ventos, das extremidades da terra às extremidades do céu"* (Mc 13,28).

É que **a família de Deus que aqui ajudamos a construir e a cuidar voltará a reunir-se**, quando o Pai nos acolher, juntamente com os seus filhos e filhas, oriundos de toda a terra, na vida que não tem fim. É para essa família que nós trabalhamos, a partir das nossas famílias e da grande família que é a Igreja, a cujo serviço entregámos a vida.

É com estes sentimentos que convido os presbíteros a renovar, diante de Deus e da comunidade, as promessas do sacerdócio que receberam, como dom para o serviço do povo de Deus.

E a vós todos, irmãs e irmãos, peço que acompanheis com afeto e oração a renovação dos compromissos daqueles que vos servem, os presbíteros e os bispos, para que se assemelhem sempre mais a Cristo, Bom Pastor, manso e humilde de Coração.